

Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Capa de *Aprendizagem histórica, ensino de História e didática da História* e seu autor, Bodo von Borries | Imagem: [Brandeis University](#)

Entrevista com Bodo von Borries, teórico da Didática da História, na Alemanha

Recebido em 08/07/2026 e publicado em 01/09/2026

Caio Rodrigo Carvalho Lima (UFRN)

Resumo: Este texto apresenta entrevista concedida por Bodo von Borries, expoente da Didática da História alemã, realizada em 2012, durante o congresso da History Educators International Research Network, em Curitiba. A entrevista situa sua trajetória acadêmica e discute a constituição, os impasses e as tensões institucionais da Didática da História na Alemanha. Destaca-se a compreensão do campo como ponte entre História, Psicologia, Sociologia e Ciências da Educação, voltada ao estudo da consciência histórica, da aprendizagem histórica e dos usos sociais do passado. O diálogo evidencia a baixa valorização da área nas universidades alemãs, os limites da formação docente e a distância entre historiadores, educadores e didáticos. Ao aproximar esse debate da experiência brasileira, o texto contribui para refletir sobre o ensino de História como dimensão fundamental da produção e divulgação do conhecimento histórico.

Palavras-chave: Didática da História; ensino de História; consciência histórica.

A entrevista a seguir foi realizada em julho de 2012. À época, o professor Bodo von Borries visitava o Brasil para participar do congresso da *History Educators Internacional Network* (HEIRNET), o qual ocorreu em Curitiba, Paraná. Por intermédio da professora Maria Auxiliadora Schmidt, uma das organizadoras do evento, von Borries ofereceu um minicurso para um grupo de estudantes, do qual tive a oportunidade de participar. Finalizado o minicurso, o professor concedeu-me a entrevista que se segue nas próximas páginas.

Naquele período, a teoria da história de Jörn Rüsen ganhava profunda e extensa expressão, sobretudo nos estudos relativos ao ensino de história, devido à tradução de sua trilogia sobre o tema para a língua portuguesa, respectivamente, em 2006 e 2007. Rüsen foi considerado (e, de certa forma, continua sendo) quase que uma referência obrigatória para quem quisesse estudar as relações entre ensino de história e teoria da história, isto é, entre as formas tipicamente científicas de constituir conhecimento histórico e o desenvolvimento de habilidades necessárias para “pensar historicamente” de maneira mais complexa e condizente com o método histórico.

Faz parte de sua teoria da história a apresentação, embora pontual, da chamada Didática da História, área de pesquisa na Alemanha, vinculada à História, mas cheia de problemas institucionais e de validação entre os intelectuais desse país, conforme Bodo von Borries atesta nesta entrevista. No terceiro livro de sua trilogia, Rüsen define Didática da História como a “ciência do aprendizado histórico”. Datado da década de 1980, porém, tendo a Didática da História surgido na Alemanha em meados da década anterior, a definição dada por Rüsen nesse livro é pontual e, conforme o autor destaca, não esquemática. Seu interesse, portanto, é tratar exclusivamente da relação entre didática e teoria da história, apontar em que momento o aprendizado histórico por parte da consciência histórica deixa de ser responsabilidade da teoria da história e se torna campo de investigação da Didática da História.

Sendo assim, quando esta entrevista foi realizada, meu entendimento sobre o termo ainda era muito pouco aprofundado. Acreditava, apesar de já duvidar disso, que Didática da História fosse algo semelhante àquilo que se entende pelo termo no Brasil: uma área da História, ou da Pedagogia, responsável por refletir sobre “como ensinar” História. Em contato com a teoria de Rüsen, porém, essa concepção já havia sido rompida. Nesta entrevista com von Borries, então, isso se rompe completamente.

Conforme se observa nas páginas a seguir, a Didática da História na Alemanha é uma área de pesquisa acadêmica, com professores especializados para ensiná-la nos cursos de graduação em História, mas profundamente rechaçada pelos demais historiadores. Em tese, estes se ocupariam da história, daquilo que verdadeiramente importa na pesquisa histórica, daquilo que corresponde, efetivamente, ao trabalho do historiador; por outro lado, aqueles, os “didáticos”, estariam ocupados com temas menores, menos especializados, indignos de valorização profissional.

Numa das respostas a seguir, Bodo von Borries menciona o texto *Tabus acerca do magistério*, de autoria de Theodor Adorno, no qual o autor apresenta e discute sobre alguns tabus que considera fundamentais para entender a desvalorização da figura do professor secundário na Alemanha. Para von Borries, Adorno está correto nas suas reflexões, e isso se expressa também no campo universitário, sobretudo no preconceito que os “historiadores” – professores de cátedras de História nas universidades – têm para com os “didáticos”.

Em que pese a distância temporal entre a entrevista a seguir e sua publicação, quase 14 anos, os temas dos quais Bodo von Borries trata continuam sendo, infelizmente, bastante atuais. Seja do ponto de vista da discussão teórica sobre a relação entre teoria da história e

ensino de história, seja do ponto de vista da valorização (ou não) dos profissionais docentes em história que não ocupam cargos públicos em universidades, percebe-se que a situação da Alemanha não é muito diferente da do Brasil.

As respostas oferecidas pelos profissionais brasileiros, contudo, diferem e precisam diferir daquelas oferecidas pelos alemães, simplesmente, porque, aqui, não se trata de pensar o ensino de história como uma área destacada da história, e sim inserida nos cursos de graduação e fundamental para a formação do profissional. Diferentemente da Alemanha, os profissionais dedicados ao ensino de história no Brasil debatem há décadas sobre a importância de se considerar esta uma área específica da História, com fundamentos teórico-metodológicos próprios, mas que transversaliza a produção e a divulgação do conhecimento histórico em todos os níveis e etapas da formação do cidadão e do profissional.

Dessa forma, conhecer os debates em torno da Didática da História na Alemanha deve representar uma possibilidade de aprofundamento das diferentes respostas que os profissionais da História ofereceram para a inquietante e necessária pergunta: como e por que se deve ensinar história? Concorde-se, porém, tanto com Rüsen quanto com von Borries, quando eles afirmam que ensinar história parte dos mesmos princípios de se pesquisar história, ou como Margarida Oliveira afirma em diversos textos: ensina-se história como se produz história. A diversidade de respostas para a pergunta, bem como os caminhos muitos que os profissionais da História traçam para executar a afirmação que une Rüsen, von Borries e Oliveira, contudo, enriquece e estimula os debates necessários para a formação de pessoas e profissionais, seja na Alemanha, seja no Brasil.

* * *

[Caio Rodrigo Carvalho Lima] Jörn Rüsen, em um texto publicado em 1987 e em outro, publicado em 1997, trabalhou com a *Geschichtsdidaktik* enquanto um campo específico da ciência da história. Nós queremos saber como está a situação deste campo na Alemanha atualmente, desde que já se passaram 10 anos e, aqui no Brasil, muitos de nós precisamos esperar as traduções para o português para entrarmos em contato com essa produção. Como está a situação desde campo no que se refere a problemas a serem resolvidos, metodologia e teoria?

[Bodo von Borries] Bem, quando a Didática da História foi fundada como uma disciplina específica, por volta dos anos 1970, ela foi definida majoritariamente como uma das três partes da história: uma delas é a teoria da história, a outra é a historiografia e a terceira seria a didática da história, que significa aprender e ensinar história.

Naquele tempo, eu não concordei com essa definição, então, eu sou tido como minoria. A posição majoritária queria fixar a didática como disciplina científica nela mesma e, claro, eles possuem motivos muito bons para isso. Mas eu senti que o risco de cortar relações com a Psicologia e a Sociologia era muito alto.

Assim, para mim, a didática da história é mais uma ponte entre história e ciência do aprendizado e do ensino. Não obstante, há, pelo menos, vinte ou trinta anos, nós sentimos que toda a área da cultura história é área de atuação da didática da história também.

Nós pesquisamos a consciência histórica na sociedade e em seus grupos sociais e, claro, as condições de produção da consciência histórica e isso significa estudar as apresentações da história na sociedade e o consumo, ou recepção, da história pela sociedade. Daí o risco de

uma quebra, ou isolamento, entre história e ciência do ensino e aprendizagem pode ser reduzido. De fato, nós possuímos cátedras específicas para a didática da história na maioria das universidades alemãs, as quais são responsáveis pela formação de professores.

Nós não possuímos, entretanto, uma didática da história direcionada para as outras áreas nas quais o profissional de história pode atuar, apesar do fato de o estudo da didática da história ser igualmente importante para estas. Se você trabalhar em um museu, como historiador, se trabalhar em um memorial, ou em televisão, para produzir documentários históricos ou filmes históricos, então obviamente você precisará da didática da história tanto quanto você precisa para a escola, talvez até seja necessário outro modelo, ou outro tipo, porque a mídia certamente é importante e a escola é, em determinado aspecto, midiática; contudo, os princípios referentes a saber como lidar com a história são os mesmos em sua base.

Não é comum, dentre as outras funções dos professores, o aprendizado da didática da história e mesmo para aqueles que aprendem, a quantidade de didática da história é muito pequena enquanto a quantidade da, tão conhecida, “história”, “pesquisa histórica” ou “empíria histórica” é, pelo menos, seis vezes maior, ou ainda mais.

Existe outro problema, pois há muitos anos não possuímos fomentos para esta área, o que acarreta a pouca quantidade de jovens especialistas em didática da história e, assim, acontece de muitas universidades – com frequência alta ou regular – preferirem contratar profissionais “normais” da história, em vez de reais especialistas na área da didática da história. Existem muitos colegas em universidade que nunca foram professores de história! Teoricamente, nós apenas deveríamos ter ex-professores de história para o cargo da disciplina de didática, mas este, obviamente, não é o caso.

Assim, o número de especialistas na Alemanha não é tão alto, o que leva a didática da história, da mesma forma que outros assuntos voltados à didática, à posição não tão alta em consideração às demais disciplinas. Os professores de educação, portanto, tiveram a ideia de que o que formava bons professores fosse uma combinação entre didática e os conhecimentos concernentes à ciência de referência. Inclusive, existem estudos que comprovam essa tese deles, entretanto, eles não se referem à história, mas às demais ciências.

[Caio Rodrigo Carvalho Lima] Então, deixe-me ver se entendi corretamente, você não concordou com a didática da história nos anos 1970, mas agora você concorda? Ou você ainda tem suas dúvidas?

[Bodo von Borries] Eu tive as minhas dúvidas e eu as continuo tendo quanto à ideia de a didática da história estar inserida exclusivamente na disciplina de história ser correta, ou a melhor solução – porque teorias não estão “certas” ou “erradas”, elas são elegantes ou não, úteis ou não.

Minha crítica está mitigada um pouco na pesquisa em didática da história sobre os fenômenos da cultura histórica, mas eles se tornaram algo como especialistas em “ciência cultural” e, assim, eles detêm uma visão mais ampla do que a dos “puros” historiadores. Contudo, o número de estudos sobre aprendizado histórico, o número de estudos feitos dentro da sala de aula, é bem baixo. Nós possuímos um número maior de estudos sobre museus, ou até mesmo sobre história de museus, do que estudos feitos em sala de aula de história e isso talvez se deva ao fato dessa relação unilateral entre didática da história e história.

[Caio Rodrigo Carvalho Lima] Aqui no Brasil, todas as graduações voltadas para a formação de professores são separadas entre um período no qual se estuda a ciência de referência, no nosso caso, História, e outro no qual se estuda a Educação. Muitas vezes, contudo, e isso não é raro, pensam que devem “fazer história” e deixar a parte da educação para os educadores, aqui no Brasil chamado de pedagogos. Nós queremos saber como é esse processo na Alemanha, se é separado como aqui no Brasil, ou não.

[Bodo von Borries] Nós temos dois problemas: um é a teoria e prática e o outro é a ciência da educação e a ciência da história, ou as demais ciências, como a matemática. Eles não são completamente separados, mas a princípio estuda-se três anos da ciência de referência e depois um ano de educação.

Eles são, contudo, separados organizacionalmente. Eles estão em diferentes faculdades e os profissionais pouco se falam – essa é outra razão pela qual eu prefiro que a didática da história tenha duas pernas desde o começo, duas ligações, uma com a ciência da educação e a outra com os professores de história.

De fato, entretanto, isso raramente ocorre. São uma minoria, os que fazem esse diálogo. Há uma forte hierarquia que separa os dois, na qual os professores universitários de história pensam a si mesmos como melhores cientistas do que os “pobres” educadores e, dessa forma, os mais fortes conseguem afastar os mais fracos e isso se reflete nos estudantes de história, pois estes sentem essa falta de respeito dos especialistas em história para com os educadores – incluindo-se, claro, os didáticos da história.

De fato, a síntese feita pelos estudantes e não pela universidade, um antigo problema na formação de professores. Cada professor faz o que pensa ser importante, mas como os estudantes irão resgatar os pedaços para formar sua própria imagem é problema deles. Muitos deles se sentem abandonados nesse campo durante a graduação e isso perpassa, refletindo-se em pesquisas feitas atualmente, nas quais os professores confessam não terem sido preparados para seu ofício decentemente e, claro, essa imagem que se forma não é nada agradável para as universidades.

Dessa forma, algumas universidades atualmente tentam construir novas escolas de educação (cerca de cinco, talvez seis, dentre as 61 universidades alemãs). Elas agora perceberam que o trabalho de professores no ensino básico não é apenas uma segunda opção para aqueles profissionais da área que não pensam em serem professores universitários tão rápido – o qual era o objetivo da formação de professores para o ensino básico em muitas universidades.

Eu não tenho certeza se essa proposta será bem-sucedida, pois o mau comportamento dos professores universitários de história para com a educação possui raízes muito mais profundas do que a maioria pensa. Eu cito aqui Theodor Adorno [1], quando ele comenta sobre tabus concernentes ao trabalho dos professores, afirmando o professor ser, no inconsciente dos outros adultos, como um “Beatle castrado” [2], porque todos os adultos um dia foram crianças e foram subjugados pelos seus professores, aos quais era permitido fazer muitas coisas com as crianças, inclusive bater nelas (isso foi proibido apenas muito recentemente, na última geração), quando era permitido, aos professores, manter uma relação de carinho com seus estudantes. Por isso “Beatles castrados”. E eu acredito que, sim, existe aquilo que Freud chamava de “projeção”, mediante o que se entende que, se conhecermos um professor e sua própria história de vida escolar, a ambivalência entre esta e a sua maneira de ensinar é muito forte e fica muito clara quando se realiza pesquisas com professores.

Nesse sentido, eu acredito no posicionamento de Adorno como muito convincente, pois o problema de aceitação da formação de professores é algo muito mais profundo do que onde se organiza, se em uma escola diferente de educação, ou na faculdade de didática da história, quicá na de história. Além disso, é uma questão de números, pois, para cada uma cadeira em didática da história existem quinze ou vinte para história, o que deixa este ou esta profissional em uma posição extremamente minoritária e ao qual ou à qual é pedido para se “cooperar” com a maioria. Como cooperar com todos eles? Isto é impossível e cômico!

[Caio Rodrigo Carvalho Lima] Então, se eu entendi bem, a didática da história não é a área responsável pela formação de professores dentro da Universidade?

[Bodo von Borries] Não. Ela é apenas uma em um grupo maior que não trabalha em conjunto, do qual a didática da história é o elo mais fraco. História é o elo mais forte, educação é um tanto mais fraco e, depois desta, é que vem a didática da história, como o mais fraco do grupo.

[Caio Rodrigo Carvalho Lima] E eles não dialogam entre si?

[Bodo von Borries] Essa é mais uma questão de pessoas, de contextos privados. Mesmo se você for amigo próximo de algum deles, você ainda irá encontrá-los em contextos oficiais. Talvez quando se é convidado para ir ao cinema juntos, aí se tenha uma ideia do que eles pensam acerca dos seus alunos, o que deve ser bastante parecido aqui. Organizações podem separar as pessoas com bastante sucesso.

[Caio Rodrigo Carvalho Lima] Nós pensávamos que a didática da história fosse um campo bem-consolidado na Alemanha atualmente. Um campo que se tornou responsável pela formação de professores e pela cobertura de todas as áreas nas quais a consciência histórica se expressa.

[Bodo von Borries] Nós estamos ensinando aos graduandos, pelo menos na maioria dos tipos de formação de professores, em duas disciplinas escolares e é comum que uma dessas disciplinas, digamos, a Matemática, fique com 30% e a outra, no caso, a História, [fique] com 30% também; 40% está na Educação e, dentro desses 40%, menos de 10% será dividido entre as duas didáticas: didática da matemática e didática da história. Então, de fato, são apenas algumas horas, menos de um turno completo, o tempo no qual os professores em formação estudam didática da história.

Nós não devemos confundir o fato de a didática da história, na Alemanha, ter evoluído em um sistema, uma teoria e uma demanda interessante, com a fraca posição que ela ocupa na formação de professores. A posição pode se tornar mais representativa se a didática da história detiver o controle sob as fases práticas nas escolas, mas, para tal, será preciso uma quantidade enorme de tempo, porque, para tal, será necessário acompanhar cada estagiário pessoalmente e isso envolve muitas reuniões, muitas observações, as quais, pela quantidade de alunos, torna o trabalho impossível. Assim, é necessário se relacionar com os professores das escolas, reunir-se com estes professores para conseguir seus *feedbacks*. A quantidade é um fator importante também, e quantidade de história nos cursos é maior do que didática da história (e os historiadores continuam afirmando: “não, nós não precisamos de didática nenhuma. Eles precisam saber apenas de história”).

Os historiadores que dizem isso são os mesmos que nunca estiveram em uma sala de aula e que não gostam dos “filmes históricos”. Aliás, todo o campo da “cultura histórica” está longe do foco desses historiadores, o que os torna descrentes acerca do nosso trabalho e impossibilita-nos de trabalhar em conjunto com eles. Não obstante, pode ser que eles

trabalhem contra nós e nós devamos alertar os nossos alunos a apoiarem-se na história, pois nós sabemos que a maioria da população não o faz.

A sociedade utiliza a história de maneira distinta daquela com que os historiadores o fazem, afinal, os livros dos historiadores alcançam algumas centenas de pessoas, enquanto os filmes históricos – feitos por não historiadores, em grande medida – alcançam milhares. Como poderia a didática da história se colocar nesse meio-termo? Por exemplo, quando se trabalha para uma grande empresa, você pode escorregar na lacuna entre Psicologia, Ciência da Educação e História.

[Caio Rodrigo Carvalho Lima] Professor, o que o senhor pesquisa atualmente? Nos últimos encontros, o senhor mencionou suas pesquisas sobre livros didáticos e queremos saber o que o senhor pesquisa, bem como se trabalha com Rüsen, com sua teoria ou outros autores com os quais ele dialoga, porque nós não entramos em contato com esses pesquisadores no Brasil.

[Bodo von Borries] Meu último livro foi sobre aprender história e a educação pelos Direitos Humanos, somente em alemão. Esta foi uma tentativa de pensar a base normativa da história, uma relação complexa, porém necessária, pelo menos em minha opinião. Agora, eu tento escrever um livro sobre as dimensões éticas e emocionais do aprendizado histórico. Venho trabalhando nisso há muito tempo, mas tento sintetizar esse trabalho agora, porque os historiadores pensam a história como uma área puramente cognitiva, o que a história não é, somente; e a relação entre aquilo que é cognitivo e aquilo que não é somente cognitivo é muito interessante. Este é o meu principal campo pessoal de trabalho: pesquisar o envolvimento entre a história e os estudantes, de que maneira podemos manter uma relação mais proveitosa com os campos da moral, da ética e da emoção.

Outro projeto no qual trabalho é custeado por dinheiro público, no qual me questiono sobre de que maneira podemos avaliar as competências históricas e, neste campo, [trabalho com] a teoria de Rüsen e o seu desenvolvimento posterior, além de Jeismann, feito por um grupo de acadêmicos em didática da história, aliado a professores, nos anos de 2000 a 2008. Este trabalho está prolongado agora, às vezes com mesmas pessoas, e agora nós tentamos fazer melhores avaliações, que vão além do teste, apesar de incluí-lo.

Eu penso que, em nossa fase atual, estes métodos subjetivos – os quais não podem ser testados –, dizem respeito mais ou menos ao que vem de fora da escola, pois nós tivemos bastante problemas com Língua Alemã, Matemática e outra disciplina. Assim, não se pode provar se estes métodos subjetivos são importantes para lidar com a vida, lidar com o futuro e a história tem a necessidade de ser muito importante para se aprender a lidar com a vida e com o futuro, mas todas essas partes não estão testadas – e este é o motivo pelo qual estamos tentando encontrar um método eficaz. Nós temos a certeza, entretanto, de que esses assuntos não podem ser testados apenas por questionários de múltipla escolha. Estamos continuando as pesquisas. Há muitos questionários respondidos e muitos ainda a serem feitos.

Há quarenta anos, eu publiquei o meu primeiro livro sobre testes de história. Na época, nós tínhamos testes idiotas e eu sugeri outros melhores, muito melhores. Inclusive, hoje eu diria que eram quase os melhores para a época, os quais, obviamente, jamais foram utilizados, continuamos testando os nossos alunos de maneira idiota. Aliás, este é o caso atual ainda! Então, eu estou interessado mesmo nessas questões práticas.

[Caio Rodrigo Carvalho Lima] Muito obrigado, professor! Uma última pergunta: o senhor trabalha com a didática da história? É um “didático da história”?

[Bodo von Borries] Eu sou historiador, ou, pelo menos, fui. Fiz minha graduação em história, estudei política um tempo, depois, tornei-me professor. Alguns anos depois, tornei-me professor de Universidade como historiador e didático da história, mas da última vez que mudei de Universidade, eu “caí”, da nobre história, para a feiosa educação e, desde então, eu não sou mais um professor universitário “de história”, mas “de educação”.

Notas

1. O texto em questão intitula-se *Tabus acerca do magistério*, publicado no Brasil como parte do livro *Educação e Emancipação*, uma compilação de artigos escritos por Theodor Adorno, pela editora *Paz e Terra*, em 1997.

2. Von Borries articulou duas ideias de que trata Adorno no texto ao qual se referiu. Em primeiro lugar, à “idolatria debiloide” que alguns estudantes dedicam aos seus professores, por considerá-los heróis e não propensos à crítica, como se estes fossem membros da banda inglesa *Beatles*. Em segundo lugar, Adorno trata de outra imagem socialmente dispersa acerca dos professores, a qual diz respeito à figura do castrado, do sujeito que não tem qualquer serventia à sociedade. Von Borries, ao se referir à imagem do professor como a de um “*Beatle* castrado”, uniu essas duas concepções.

Sobre o entrevistado



Bodo von Borries é um didático da história alemão, nascido em 7 de janeiro de 1943, em Berlim. Formou-se em História pela Universidade de Bonn, também na Alemanha, e, entre 1968 e 1972, obteve os títulos necessários para atuar como docente no país. Doutorou-se em História Econômica e Social e atuou, entre 1976 e 2008, como professor de Didática da História na Universidade de Hamburgo, cargo no qual se aposentou. Além disso, foi membro do comitê científico do Georg-Eckert-Institut, dedicando-se aos estudos sobre livros didáticos; integrou o conselho científico do concurso histórico nacional da Alemanha; e, entre 1994 e 1995, participou do Centro de Pesquisa

Interdisciplinar da Universidade de Bielefeld. Von Borries é um dos expoentes da Didática da História na Alemanha. Sua produção intelectual voltou-se, sobretudo, à investigação empírica da consciência histórica, do ensino e da aprendizagem histórica. Ao longo de décadas, trabalhou com livros didáticos, filmes e narrativas históricas, além de elaborar questionários aplicados a estudantes e professores. Seu foco recaiu, portanto, sobre uma abordagem empírica e crítica dos objetivos tradicionalmente associados ao ensino de História.

Sobre o entrevistador



Caio Rodrigues Carvalho Lima é doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e mestre em História pela Universidade de Brasília (UnB). Publicou, entre outros trabalhos, [Da importância dos arquivos escolares para a história e para a garantia de direitos](#): O caso dos Ginásios Vocacionais de São Paulo (1961-1969) e '[A educação que nos convém](#)': Apagamento da memória e resistência pedagógica nos ginásios vocacionais de São Paulo sob o regime militar (1957-1971). ID Currículo

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4670809449378401>; ID

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3720-7644>; E-

mail: crodrigoclima@gmail.com.

Para citar esta entrevista

Von BORRIES, Bodo. Entrevista concedida a Caio Rodrigues Carvalho Lima, em julho de 2012. Entrevista com Bodo von Borries, teórico da Didática da História, na Alemanha. *Crítica Historiográfica*, Natal, v. 6, n. 31, p. 83-91, set. / out., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).